

## Marxismo e liberalismo na Itália: Antonio Gramsci e Piero Gobetti

DANIELA MUSSI<sup>1</sup>

### Introdução

Esta é uma proposta de comunicação sobre as relações entre os textos políticos e culturais de Antonio Gramsci (1891-1937) e Piero Gobetti (1901-1926), em especial tomando como ponto de partida as intervenções nos periódicos *Il Grido del Popolo* (1917-1918), *Avanti! (sezione piemontese)* (1918-1920), *L'Ordine Nuovo* (1919-1925), *L'Unità* (1924-1926), *Energie Nove* (1918-1921) e *Rivoluzione Liberale* (1922-1925). A pesquisa tem por objetivo identificar traduções possíveis entre o pensar cultural e o pensar propriamente político dos dois intelectuais italianos, em especial no diálogo que estabeleceram sobre os anos das mobilizações operárias em Turim (1919-1920) no período conhecido por *bienio rosso*.

Gramsci e Gobetti participaram de campanhas contra o protecionismo econômico do Estado italiano que beneficiava os proprietários de terra do *mezzogiorno* (SOAVE, 2008, p. 100; RÊGO, 2001, p. 69). Além disso, no contexto das greves e ocupações de fábrica em Turim, ambos sustentaram que apenas os conselhos de fábrica e o sistema desses poderiam cumprir a tarefa de levar adiante um processo de transformação social que se colocava, e reconheceram a necessidade de coordenar o movimento de Turim com as forças sindicais revolucionárias de todo o país (SOAVE, 2008, p. 104-105).

O que aproximou, apesar das diferenças, a posição desses dois intelectuais italianos foi a reflexão cultural profunda, que se expressava na concepção da formação do Estado moderno na Itália e sua correspondência: a) no elemento *nacional-popular* em oposição ao *cosmopolitismo* da cultura italiana e da atitude dos intelectuais frente às massas e b) na necessidade de levar a crítica cultural à sua dimensão política e, portanto, histórica<sup>2</sup>. Foi sob essa orientação que Gramsci escreveu em 1926, pouco antes de ser preso pelo fascismo, que o contato de Gobetti com *L'Ordine Nuovo* e a luta dos operários nos conselhos de fábrica havia permitido que “seus princípios liberais fossem

---

<sup>1</sup> Mestre e doutoranda em Ciência Política na Universidade Estadual de Campinas

<sup>2</sup> Para a discussão da identidade entre política, história e filosofia em Antonio Gramsci cf. BIANCHI, 2008.

projetados da ordem dos fenômenos individuais para a ordem dos fenômenos de massa” (GRAMSCI, 1987b, p. 163).

A presente comunicação tem como objetivo, portanto, recuperar a relação entre esses dois intelectuais para encontrar os pontos de convergência políticos, analíticos e teóricos, respeitando as diferentes perspectivas. Essa iniciativa de investigação se insere no amplo circuito de pesquisa sobre Gramsci estabelecido internacionalmente e no Brasil nas últimas décadas, especialmente, no debate das relações entre o marxista sardo e o pensamento liberal italiano, para o qual muitas vezes a figura de Gobetti foi tomada como símbolo.

### ***Conselhos de fábrica: um ponto de partida para os debates entre Gramsci e Gobetti***

Um ponto de partida histórico e crítico para estabelecer a relação político-cultural entre Gramsci e Gobetti é o de que ambos estiveram estreitamente associados à história do antifascismo e da crítica da cultura italiana após a I Guerra. Além disso, compartilharam a memória das experiências de Turim, na qual o revolucionário marxista e o revolucionário liberal operaram e sobre a qual pensaram entre 1918 e 1925<sup>3</sup> (SPRIANO, 1977, p. 3-4).

No contexto das primeiras décadas do século XX, razões históricas complexas conferiram ao movimento operário de Turim características originais, com consequências de importância histórica para a Itália. Em Turim existia a Fiat, um gigantesco aparato industrial que tendia, com sua produtividade excepcional, a prostrar e absorver todos os concorrentes. Sua importância transcendia a mera importância técnica e econômica e, na medida em que a fábrica se desenvolvia na cidade, criava uma nova psicologia do cidadão (cf. SPRIANO, 1974).

Em sua “História dos comunistas de Turim contada por um liberal”, escrita em 1922, Gobetti observou que a centralidade industrial havia criado a centralidade operária na cidade. A seleção dos espíritos dirigentes promovia e determinava a seleção das inteligências operárias, paralelamente ao processo de especialização da mão de

---

<sup>3</sup> Em 1925, uma milícia do regime fascista atacou e espancou Gobetti em Turim, além de destruir muitos de seus arquivos editoriais. Em virtude da perseguição, e com a saúde debilitada, em 3 de fevereiro de 1926, Gobetti partiu para o exílio em Paris, onde morreu doze dias depois, em virtude de uma bronquite. Gramsci, por sua vez, foi preso pelo regime fascista em novembro do mesmo ano, quando tentava chegar a Gênova para uma reunião com um representante da III Internacional (GOBETTI, 2000, p. 38-39).

obra. A cooperação entre industriais e operariado, entretanto, não fomentava ilusões nos operários em sua relação com as classes dominantes (GOBETTI, 1997, p. 280).

Atentos a esse processo, em fins de 1918 Gramsci e um grupo de intelectuais do Partido Socialista Italiano (PSI) fundaram a revista semanal *L'Ordine Nuovo*, que tinha por subtítulo *Rassegna di cultura socialista*. O periódico publicava Vladimir Lenin, Nicolai Bukharin, John Reed, Georges Sorel, Daniel De Leon, etc., buscando traduzir a cultura mais avançada e crítica do período para a realidade viva das oficinas turinenses, além de sistematizar e aderir organicamente à realidade das forças dos operários, organizando-os. A revista se transformaria em instrumento de discussão e de ativação política, inspirado numa grande ideia-força: a dos conselhos de fábrica. Era uma ideia que tinha como referência a experiência russa e europeia dos soviets e de semelhantes organismos operários autônomos. (SPRIANO, 1977, p. 45-46; cf. SPRIANO, 1963; cf. LEONETTI e DOTTI, 1976).

Foi também no final de 1918 que Gramsci e Gobetti se conheceram, e em 1919 o liberal fez um convite ao marxista para escrever um artigo para a revista *Energie Nove*, na qual publicavam importantes intelectuais da cultura italiana oficial, como Benedetto Croce, Luigi Einaudi e Giuseppe Prezzolini. O artigo fora proposto em virtude do interesse por Gobetti em debater com os socialistas italianos, e como resposta a um artigo polêmico de Balbino Giuliano, “Perché sono uomo d’ordine”, publicado em fins de 1918. O artigo de Gramsci foi publicado em fevereiro de 1919, intitulado “Stato e Sovranità”, e precedido por uma nota de Gobetti em que dizia que “para realizar a promessa feita aos nossos leitores, publicamos os apontamentos do amigo Gramsci” (GRAMSCI, 1987, p. 522-523). Nesses apontamentos, Gramsci afirmava que Giuliano representava a dolorosa história da pequena burguesia que, na Itália e na Rússia, não desempenhara nenhum papel preciso, e se convertera em “ordem” intelectualista assim que a classe trabalhadora começou a “atuar” e defender seus interesses próprios (Idem, 1987, p.518).

Em outro artigo, publicado meses antes, em 14 de novembro de 1918, no *Avanti!* piemontês, Gramsci se referia ao *Energie Nove* como parte dos núcleos de intelectuais burgueses que haviam aprendido com os impasses surgidos na I Guerra, e que gostariam que fosse instaurado na Itália o costume liberal, a tolerância civil. A burguesia italiana, entretanto, não respeitava essa ideologia e continuava a ser uma camada parasitária,

indiferente aos problemas nacionais e protegida pelo Estado, com consequências graves para a vida civil (Idem, 1987, p. 398).

Em junho do de 1919 começava uma importante polêmica entre Gramsci e Gobetti, sobre o papel do golpe de Estado num processo de revolução social. Para o liberal, o golpe de Estado significava um “revolucionarismo mítico e impotente”, incapaz de realizar um processo de renovação radical da sociedade (GRAMSCI, 1987, p. 72). Em resposta, no *L'Ordine Nuovo*, Gramsci procurou distanciar Gobetti de seus colaboradores liberais da *Energie Nove*, destacando dois importantes artigos deste: “Verso una realtà politica concreta” (publicado em 20 de maio de 1919) e “La riforme dell'ammistrazione publica in Italia (de 5 de maio de 1919). Para Gramsci, Gobetti escrevia brilhantemente sobre a doutrina do Estado e a reforma da administração pública, eliminando a separação entre Estado e indivíduo, comum ao pensamento liberal (Idem, 1987, p. 72). Entretanto, a crítica ao golpe de Estado por Gobetti expressava um episódio de infelicidade intelectual, fruto do afastamento com a realidade concreta das massas de operários italianos que caracterizava de maneira geral a atividade editorial da *Energie Nove* e de seus colaboradores (Idem, Ibidem).

O debate de Gramsci com os intelectuais liberais, muitos dos quais professores e colaboradores de Gobetti na *Energie Nove*<sup>4</sup>, e depois na revista *Rivoluzione Liberale*<sup>5</sup>, revelou o esforço por mostrar o fracasso da ideologia liberal em organizar uma renovação na vida italiana do pós-guerra, ponto marcante da relação com Gobetti, com consequências importantes para os dois intelectuais.

Em 21 de junho de 1919, Gramsci escreveu no *L'Ordine Nuovo* o que chamou de “golpe de Estado redacional”, um artigo intitulado “Democrazia Operaia”, que viria a ser a base do programa político da revista escrito no ano seguinte, em agosto de 1920. Nesse artigo, Gramsci apresentava o problema de como organizar as forças sociais que a I Guerra havia agitado, como discipliná-las sob uma nova forma política que contivesse em si a capacidade de tornar-se ossatura de um Estado socialista (GRAMSCI, 1987, p. 87). Em outros termos, procurava tratar o problema de como propor imediatamente uma forma política que fosse elástica a ponto de resolver impasses organizativos da classe operária, ao mesmo tempo em que realizasse as premissas de uma sociedade nova.

---

<sup>4</sup> Luigi Einaudi, Achille Loria, Giuseppe Prezzolini e Benedetto Croce eram alguns deles.

<sup>5</sup> Sobre a atividade editorial de Piero Gobetti cf. BASSO e ANDERLINI, 1961.

Essa nova forma política deveria nascer de um processo de concatenação e hierarquização dos elementos mais progressistas que já existiam no cotidiano dos operários, já que o Estado socialista existia potencialmente nessas “instituições” da vida social. O movimento operário italiano, apesar de dirigido pelo Partido Socialista Italiano e pela *Confederazione Generale del Lavoro*, não se esgotava nessas organizações políticas e sindicais, que apenas indiretamente poderiam exercer poder sobre o mesmo (GRAMSCI, 1987, p. 88). Era preciso forjar uma nova forma e disciplina permanentes, que pudessem efetivamente organizar as massas italianas e que se afirmassem como experiência na qual os trabalhadores pudessem assumir de maneira autônoma as responsabilidades de classe dirigente.

As formulações de Gramsci tiveram grande impacto sobre Gobetti, leitor e interlocutor crítico dos debates do *L'Ordine Nuovo*. Alguns anos depois, em 1922, o revolucionário liberal afirmaria que o periódico comunista de Turim era o único documento revolucionário e marxista sério já existente na Itália (SPRIANO, 1977, p. 8). No mesmo artigo, escreveu que aqueles que presenciavam as novas exigências e se aproximavam das classes populares, percebiam nos operários a conquista da consciência de sua própria posição prática na luta (GOBETTI, 1997, p. 280).

No contexto das intensas greves e ocupações de fábrica (1919-1920), Gramsci e o grupo de intelectuais do *L'Ordine Nuovo* se dedicaram a pensar um espaço político e cultural para os trabalhadores a partir das comissões de fábricas, dos círculos socialistas, da comunidade camponesa e dos centros da vida proletária (GRAMSCI, 1987, p. 88). Esse espaço era o conselho de fábrica, constituído a partir das comissões de fábrica já existentes, nas quais as exigências executivas do processo de lutas deveriam ser organizadas. Através da articulação dos vários organismos sociais nos conselhos, era possível elevar o nível da ação política e cultural, bem como apontar para o âmbito do Estado (Idem, 1987, p.89). Nas palavras de Gobetti, esse espaço serviria para que os trabalhadores pudessem tentar realizar uma forma de governo novo, no qual a organização política aderisse à organização econômica (GOBETTI, 1997, p. 287). Em Gramsci, esse sistema de democracia operária seria uma magnífica escola de experiência política e administrativa (GRAMSCI, 1987, p.89).

Em meados de 1920 ocorreu a ruptura decisiva entre os intelectuais da revista *L'Ordine Nuovo* e o PSI, o que colocou a exigência da construção de uma nova

organização política, que viria a ser o Partido Comunista da Itália<sup>6</sup>, cuja fundação simbólica se deu nas ocupações de fábrica em setembro do mesmo ano. Em janeiro de 1921, *L'Ordine Nuovo* passou a ser um jornal diário e órgão do recém criado PCd'I, mesmo ano em que Gobetti passou a contribuir com o periódico com crônicas teatrais<sup>7</sup>.

Em suas crônicas, Gobetti tratava o teatro como objeto de estudo estético e era, para Gramsci, “o primeiro a estudar mais profundamente um fenômeno o qual se tornara hábito aceitar sem discussão” (GRAMSCI, 1966, p. 123-124). A crítica de teatro, ao ser uma atividade livre e aprofundada, teria uma função útil ao autor e ao público, especialmente por orientar a um juízo mais maduro as intuições confusas e desagregadas do espectador comum. A crônica teatral gobettiana, inspirada no crítico literário do século XIX Francesco De Sanctis<sup>8</sup>, cumpria o papel de propor e fecundar valores de cultura, e dessa forma julgava e ajudava o autor, dividindo com ele as responsabilidades intelectuais em relação ao público (Idem, 1966, p. 124).

Para o marxista sardo, Gobetti contribuía, em sua atividade de crítico, com a construção de uma nova hegemonia, compreendida não apenas como domínio de uma classe que assumiu o poder, mas como obra de direção política, ideal, cultural, de um agente atuante sobre as condições materiais, a mentalidade, o modo de viver e de pensar das grandes massas. A preocupação concreta com os nexos entre política e cultura era uma afinidade entre a atitude intelectual de Gramsci e de Gobetti: ambos eram organizadores ativos da crítica e da renovação da vida italiana (SPRIANO, 1977, p. 75; cf. BUTTIGIEG, 1982, p. 35; cf. GARIN, 1966).

### ***Uma história escrita a quatro mãos: crítica da função cosmopolita da cultura e dos intelectuais italianos***

Em uma passagem interessante dos *Cadernos do Cárcere*, Gramsci chamou atenção para o fato de que “só depois da criação do Estado o problema cultural se impõe

---

<sup>6</sup> PCd'I, que posteriormente mudou seu nome para Partido Comunista Italiano (PCI), em 1943.

<sup>7</sup> Para a relação entre os socialistas e o teatro nos anos 1920-1922, cf. ISOLA, 1985.

<sup>8</sup> Em nota intitulada “Confissões”, Gobetti afirmou que muitas das suas críticas teatrais eram escritas em curto espaço de tempo, e tinham por modelo o crítico irpino, embora contemporizado no modelo de crônica jornalística (GOBETTI, 1974, p. 706-707). Francesco De Sanctis também foi “exemplar” para Gramsci, que via no crítico literário do século XIX uma atitude intelectual frente à vida e à cultura em que a política e a cultura se encontravam fundidas e, por isso, a qual era preciso “retornar” (cf. GRAMSCI, 1975, Q.23, §1).

em toda a sua complexidade e tende à solução coerente” (Q.16, §9, p.1863). O Estado moderno estabeleceu conflitos de tipo cultural novo, e exigia uma solução que fizesse coincidir o pensamento e ação em uma nova forma de vida. Além disso, com o capitalismo, a ideia de “cultura” se substantivou no momento em que indivíduos que assumiam um papel bem definido, como portadores de competências predominantemente intelectuais e estéticas, constituíram-se como grupo social autônomo (ASOR ROSA, 1996, p. 156). Isso permitiu o alargamento do conceito de cultura, numa surpreendente operação de expansão semântica<sup>9</sup>, a todos os períodos e a todas as situações históricas, complexificando e enriquecendo as possibilidades de uma historiografia de longo alcance (Idem, *Ibidem*).

Apesar dos múltiplos sentidos, a cultura adquiriu centralidade, tanto para Gramsci como para Gobetti, na medida em que se converteu em momento nacional-popular, ou seja, transformou-se em uma ferramenta histórico-analítica articulada à crítica da formação dos Estados modernos. No caso italiano, o nacional-popular deveria ser representado por uma nova estruturação da vida social que confrontasse a economia parasitária e o mundo pequeno burguês aos operários educados na livre luta e na moral do trabalho. Somente assim essa nova conformação social não seria uma ideologia importada, mas, nas palavras de Gobetti, o processo no qual os cidadãos tornavam-se capazes de governar a si mesmos sem ditadores e sem teocracias (GOBETTI, 1997, p. 826). Para Gramsci, era o processo de criação de um novo homem que estava em jogo, capaz de encontrar meios para educar a própria inteligência e coletivizar os frutos do saber, da pesquisa científica e da fantasia (GRAMSCI, 1982, p. 648).

O alargamento dos sentidos da cultura era claro e conflituoso para Gramsci, já que o novo homem era incompatível com a propriedade privada. A cultura deveria ser pensada como “exercício do pensamento, aquisição de idéias gerais, hábito de conectar causa e efeito (...) todos já são cultos por que todos pensam, todos conectam causas e efeitos” (GRAMSCI, 1982, p.518-521). Entretanto, as funções culturais, embora separadas das instituições medievais, eram centralizadas no Estado capitalista e nos grupos intelectuais.

---

<sup>9</sup> Não é objetivo aqui problematizar o conceito de cultura. Destaque-se, entretanto seus múltiplos usos. Em um célebre livro, Kroeber e Kluckhohn (1963) indicaram mais de 160 usos para a palavra.

Gramsci não perdia de vista ainda o fato de que a fundação do Estado nacional italiano passou ao largo da resolução dos novos conflitos, dada a natureza internacional e cosmopolita da cultura e política medieval, representadas pelo Sacro Império Romano e pela Igreja Católica. (ASOR ROSA, 1996, p.48). O cosmopolitismo dos grupos de intelectuais italianos, bem como seu afastamento para com as massas eram associados por Gramsci à ausência de uma reforma religiosa, de um movimento de popularização de uma concepção de mundo em contraste com a tradição católica. Essa deveria ser articulada ao Renascimento, o movimento de despontar de uma nova e integral concepção de mundo. Os intelectuais italianos, historicamente, eram incapazes de promover uma modernização popular da península, mesmo que avançassem filosoficamente.

Isso era percebido, por exemplo, na literatura, na incapacidade de formação de uma literatura *nacional-popular* italiana, como consequência da debilidade da formação do Estado capitalista e da burguesia como classe dirigente nacional. Essa fragilidade demonstrava ao mesmo tempo uma situação de permanente e progressiva submissão cultural à hegemonia das nações nas quais o processo de formação da *nação-povo* fora possível historicamente. Também para Gobetti, em sua crítica sobre o teatro italiano, era clara a ideia de que os mitos criados para organizar e sistematizar o pensamento nacional no *Risorgimento* eram pobres e genéricos. Tais mitos, como o da Itália pátria trans-histórica, permaneciam como ideologia e não unificavam pensamento e ação, ao mesmo tempo em que não foram substituídos por nada no começo do século XX.

Os problemas postos pelo modo *risorgimental* de fundação do Estado nacional se manifestaram de modo duradouro. A situação italiana no início do novo século era a de um capitalismo surgido tardiamente no cenário internacional e “incapaz de dominar o avanço tecnológico, absolutamente concentrado e produto do capital financeiro, antes que seu produtor” (DIAS, 2004, p. 109). A força de trabalho italiana, “era a menos remunerada e a que trabalhava a maior quantidade de horas em toda a Europa”<sup>10</sup> (Idem, *Ibidem*).

Assim como em Gramsci, estava presente em Gobetti a ideia de que nesse período nem os liberais, nem os socialistas, nem os católicos populares conseguiam

---

<sup>10</sup> Em 1915, a jornada de trabalho diária em Turim possuía uma média de 16 horas (SPRIANO, 1974, p. 341).

encontrar o caminho para a formação de uma nova cultura na península. O revolucionário liberal era ciente das “insuficiências práticas do liberalismo”, e as evocava no fato dos liberais não terem conseguido sequer resolver os problemas do campo técnico e científico presentes na administração do Estado (GOBETTI, 1997, p. 459-460; NOGUEIRA, 2001, p. 15; RÊGO, 2001, p. 71).

Nesse sentido, tanto Gramsci como Gobetti pensavam a natureza do fascismo conectada ao *Risorgimento* italiano, com as questões nacionais que permaneceram não resolvidas para o povo: relações entre cidadãos e o Estado, entre cidade e campo, entre proprietários e espoliados (cf. TOGLIATTI, 1974, p. 180; cf. VANEK, 1965). Os dois intelectuais concordavam que o grande obstáculo para a formação de um ambiente propício para o desenvolvimento político e cultural ainda era a questão do *mezzogiorno*, e a falta de uma consciência e prática novas e unitárias para garantia das condições elementares de vida (GOBETTI, 1997, p. 471 e cf. GRAMSCI, 1987b). Foi, portanto, na confluência radical entre política e cultura que os dois intelectuais encontraram combustível para orientar a reflexão sobre a história, sua crítica e o engajamento para transformação da vida nacional italiana (NOGUEIRA, 2001, p. 22).

Para Gobetti, o cosmopolitismo da cultura italiana se conectava à ideia de que a formação do Estado nacional italiano não havia sido levada às últimas consequências (NOGUEIRA, 2001, p. 15). A ação política para os italianos era qualquer coisa de exterior e diletante. Faltava linguagem, o que tornava cada vez mais difícil aos dirigentes políticos e culturais da época se fazerem entender (GOBETTI, 1997, p. 456). Exemplo da falta de unidade entre pensamento e ação foi apresentado por Gobetti na ideia de que a região Sul da Itália trouxera para a nova nação atitudes de mau costume político e de democracia retórica, e todos os artifícios característicos de uma vida na qual as classes médias não eram continuamente renovadas por baixo, mas representavam a decadência das classes ricas e nobres.

Gramsci, entretanto, buscava ir além do problema “lingüístico” e de “mau costume político”, e atentava para o fato de que na Itália do período posterior à I Guerra Mundial, o nacionalismo inscrito na ideia fascista de “nação proletária” passara a substituir a luta de classes pela “luta das nações”. Essa ideologia expressava um esforço comum das classes dominantes italianas em, ao mesmo tempo, destruir as organizações dos trabalhadores e ocultar a condição de subordinação na qual se encontravam os

italianos internacionalmente, em virtude da sua posição na fase imperialista do capitalismo (DIAS, 2004, p. 78; TOGLIATTI, 1974, p. 178; LANDY, 1986, p. 49 e 57).

A referência que Gramsci impunha em sua reflexão e no debate com Gobetti e os liberais era a da Revolução Russa e sua capacidade de impor internacionalmente uma oposição ao regime fascista que ascendia, e a polarização militar entre dominantes e dominados, entre dirigentes e dirigidos. A exigência fundação de um novo Estado – com a potencial resolução dos conflitos abertos pelo surgimento do Estado moderno – assumia na Itália um caráter dramático, que Gramsci e Gobetti não puderam deixar de sentir.

### Referências bibliográficas

ASOR ROSA, Alberto. Intelectuais. In: *Enciclopédia Einaudi*, volume 22. Edição portuguesa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996.

BARATTA, Giorgio. *As rosas e os cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

BASSO, Lelio e ANDERLINI, Luigi. *Le riviste di Piero Gobetti*. Milano: Feltrinelli Editore, 1961.

BIANCHI, Alvaro. *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*. São Paulo: Alameda, 2008.

BUTTIGIEG, Joseph A. After Gramsci. *The Journal of the Midwest Modern Language Association*, v. 24, n.1, p.87-99, 1991.

\_\_\_\_\_. Worldliness of Antonio Gramsci's Literary Criticism. *Boundary 2*, Vol. 11, n.1/2, p.21-39, 1982/1983.

\_\_\_\_\_. Gramsci's method. *Boundary 2*, Vol. 17, n.2, p.60-81, 1990.

CUCHE, Denys. *Noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1998.

DIAS, Edmundo Fernandes. *Do giolitismo à guerra mundial. Textos Didáticos*, n.39. IFCH/Unicamp, outubro de 2004.

GARIN, Eugenio. Benedetto Croce o della “separazione impossibile” fra politica e cultura. *Belfagor*, n.6, a. XXI, p. 662- 680, 1966.

GOBETTI, Piero. *Scritti Politici*. Torino: Giulio Einaudi, 1997.

\_\_\_\_\_. *Scritti di critica teatrale*. Torino: Giulio Einaudi, 1974.

\_\_\_\_\_. *Scritti sull'arte*. BENEDICTS, M. De (a cura di). Torino: Nino Aragno Editore, 2000.

\_\_\_\_\_. *La rivoluzione liberale: saggio sulla lotta politica in Italia*. Torino: G. Einaudi, 1995.

\_\_\_\_\_. *Risorgimento senza eroi. Studi del pensiero piemontese nel Risorgimento*, Torino: Edizioni del Baretto, 1926.

GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del Carcere*. Torino: Giulio Einaudi, 1975 -2007, 4v.

\_\_\_\_\_. *Lettere dal Carcere*. Torino: G. Einaudi, 1973.

\_\_\_\_\_. *Socialismo e Fascismo: L'Ordine Nuovo 1921-1922*. Torino: Giulio Einaudi, 1966.

\_\_\_\_\_. *Città futura: 1917-1918*. Torino: Giulio Einaudi, 1982.

\_\_\_\_\_. *Cronache Torinesi: 1913-1917*. Torino: Giulio Einaudi, 1980.

\_\_\_\_\_. *La città futura: 1917-1918*. Torino: Giulio Einaudi, 1982.

\_\_\_\_\_. *Il nostro Marx*. Torino: Giulio Einaudi, 1984

\_\_\_\_\_. *L'Ordine Nuovo (1919-1920)*. Torino: Giulio Einaudi, 1987.

\_\_\_\_\_. *Temas para a Questão Meridional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b.

\_\_\_\_\_. *Cronache Teatrali*. Torino: Nino Aragno Editore, 2010

ISOLA, Gianni. Teatro del popolo: la scena socialista del '20-22. *Belfagor*, n.4, a.XLI, p. 447-454, 1985.

KROEBER, A. L. e KLUCKHOHN, Clyde. *Culture: a critical review of concepts and definitions*. New York : Vintage Books, 1963.

LANDY, Marcia. Culture and Politics in the Work of Antonio Gramsci. *Boundary 2*, Vol. 14, n.3, p.49-70, 1986.

LEONETTI, Alfonso e DOTTI, Ugo. *L'Ordine Nuovo clandestino* (prefazione e antologia, com una lettera di Umberto Terracini a Amadeo Bordiga). *Belfagor*, a. XXXI, n.2, p. 121-158, 1976.

MANDEL, Ernest. *Contrôle ouvrier, conseils ouvrier, autogestion: anthologie*. Paris : François Maspero, 1970.

MANGANARO, Marc. *Culture, 1922: The Emergence of a Concept*. Princeton: Princeton University, 2002.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. Prefácio. In: RÊGO, W. G. D. L. *Em busca do socialismo democrático: o liberal-socialismo italiano: o debate dos anos 20 e 30*. Campinas: Unicamp, 2001.

RÊGO, Walquiria G. Domingues Leão. *Em busca do socialismo democrático: o liberal-socialismo italiano: o debate dos anos 20 e 30*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político. *Revista Brasileira de História*, v. 15, n. 30, 1995, pp. 9-22.

SCHLESENER, Anita Helena. *Revolução e cultura em Gramsci*. Curitiba: UFPR, 2002.

SCHNEIDER, Louis e BONJEAN, Charles M. (eds.). *The idea of culture in the social sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.

SOAVE, Sergio. Gramsci e Tasca. In: GIASI, F. (a cura di) *Gramsci nel suo tempo*. Roma: Carocci, 2008, V.1.

SPRIANO, Paolo. *Storia de Torino operaia e socialista: Da de Amicis a Gramsci*. Torino: Einaudi, 1974

\_\_\_\_\_. *Gramsci e Gobetti: introduzione alla vita e alle opere*. Torino: Einaudi, 1977.

\_\_\_\_\_. Introduzione In SPRIANO, P. (cura di) *La cultura italiana del '900 attraverso le riviste: L'Ordine Nuovo (1919-1920)*. Torino: G. Einaudi, 1963.

TOGLIATTI, Palmiro. L'antifascismo di Antonio Gramsci. In: GRUPPI, L. (a cura di), *La politica cultural*. Roma: Editori Riuniti, 1974.

VANEK, Wilda M. Piero Gobetti and the crisis of the *Prima Dopoguerra*. *The Journal of Modern History*, Vol. 37, No. 1 (Mar., 1965), pp. 1-17.